



LE LIVRE DE JADE E AS REPRISES DO POEMA EM PROSA DE JUDITH GAUTIER

ANA BEATRIZ FARIAS COSTA DE BRITO; FRANCINE FERNANDES WEISS RICIERI

RESUMO

Apresentado como um conjunto de poemas “segundo” poetas chineses, o *Livre de Jade* (1867) de Judith Gautier foi recebido pelo público leitor e pela crítica literária como um livro de traduções de poesia chinesa, muitas vezes avaliadas como imprecisas e excessivamente livres. Desde sua publicação, o livro é associado à tradição do gênero poema em prosa difundido pelo poeta Charles Baudelaire na segunda metade do século XIX, assim como à vulgarização da poesia clássica da Dinastia Tang (618-907) para o público ocidental. A hesitação em precisar se os textos são de fato criações da autora refletiram no julgamento da sua obra. Isto é, antologias de poesia chinesa excluem as “traduções” de Gautier e teóricos do poema em prosa negligenciam ou revisam sua produção como menos original replicando o argumento de que a autora apenas combina temas emprestados a uma forma concebida *a priori* para compor seu livro. Nesse sentido, propomos abordar a produção literária de Judith Gautier com o objetivo de evidenciar o caráter autoral dos seus textos ao revisar o estudo das fontes do livro e analisar um corpus de poemas. Uma vez que a relação entre tema e forma no *Livre de Jade* é fundamental para entendermos sua organização e os ideais poéticos da autora, procuramos destacar traços distintivos do poema em prosa de Gautier dentre os quais: os temas e as implicações da forma escolhida. Assim, pretendemos oferecer contribuições à recepção crítica do livro, à atualização da produção literária da autora e da literatura de autoria feminina do século XIX francês.

Palavras-chave: literatura de autoria feminina; literatura francesa; orientalismo; poesia em prosa; recriação poética.

1 INTRODUÇÃO

Devido à sua constante atividade, Judith Gautier (1845-1917) construiu uma imagem sólida de escritora no meio literário da sua época. No entanto, seu legado não foi efetivamente estabelecido de modo que no Brasil, por exemplo, sua produção literária permanece inédita e quase inexplorada. Filha de Théophile Gautier, um dos nomes mais importantes para o romantismo francês, Judith foi introduzida no meio literário muito prematuramente. Sua estréia literária, *Livre de Jade*, é um livro composto por 71 poemas em prosa apresentados “à maneira de” poetas chineses, notação que revela sua principal particularidade: os poemas do livro são considerados pseudo-traduções. Stocès (2006) apresenta dados importantes com relação à autenticidade dos poemas e investiga o motivo das traduções de Judith não receberem grande atenção dos especialistas em sinologia. O autor esclarece que já no século XIX havia quem negasse chamar de traduções os poemas do *Livre de Jade*, apesar de reconhecerem o talento da escritora. Para Stocès, os poemas podem ser considerados “tentativas de tradução, com resultados muito limitados, de textos autênticos. Mas, em todo caso, a jovem poetisa não hesitou em recorrer grandemente à sua imaginação” (STOCÈS,

2006, p. 338). Essa afirmação se refere especialmente à primeira edição de 1867, pois dos 71 textos do volume apenas 2 são traduções de fato. Portanto, se os textos de Gautier não aparecem nas antologias, é por se tratarem de criações originais.

Uma vez que é a “a forma do poema em prosa que caracteriza [o] Livre de jade” (PINTO, 2018, p. 22), ao buscarmos a posição da crítica que se propôs a mapear a presença e o surgimento do poema em prosa na França do século XIX, raramente encontramos comentários sobre os textos de Gautier e, quando incluída, a autora aparece como tradutora. Por exemplo, Bernard (1959) procura definir, em sua obra de referência sobre o gênero, a estética do poema em prosa a partir das suas várias manifestações e distingui-lo da prosa poética. Entre os poemas em prosa de Baudelaire e o verso livre Simbolista, Bernard identifica momentos de estagnação com a expressão poética parnasiana e, conseqüentemente, seus experimentos no terreno do poema em prosa. A seu ver, esses poetas procuravam aplicar o ritmo e a simetria da poesia marmorizada também na prosa e destaca entre seus representantes Judith Gautier. Para Bernard, as produções parnasianas são “mais importantes em razão das tendências que representam e da concepção que ilustram, que pela importância e número de poemas em prosa concebidos” (BERNARD, 1959, p. 337), afirmação essa contra a qual propomos argumentar, ao organizar e expor estudos feitos sobre a obra poética de Gautier e ainda analisando seus poemas em prosa. Trabalho que, dada a época de publicação e a dimensão da pesquisa de Bernard, não poderia ser contemplado devidamente.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O corpus do trabalho compreende nove poemas em prosa publicados previamente na revista literária *Revue du XIX siècle* em 1866 mais suas versões correspondentes no capítulo “La lune” do *Livre de Jade*. De início, realizaremos o trabalho de revisar as fontes do livro, sobretudo com base nas contribuições de Stocès (2003, 2006) e Yu (2007), estudiosos da poesia clássica chinesa que iniciaram o trabalho de comparação entre as recriações de Gautier e a obra dos poetas orientais citados por ela. Aqui, apontaremos se há ou não texto originário conhecido dos poemas do corpus a fim de explorarmos suas imagens e temas em diálogo com a tradição à qual a autora se reporta, quais procedimentos são responsáveis por criar a identidade do livro e o quanto a temática oriental é significativa. Em seguida, vamos mapear e comentar as modificações feitas nos textos entre as publicações da revista e da primeira edição do livro. Em um terceiro momento, analisaremos os poemas do corpus com atenção ao tema, à forma, e também à voz enunciativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à revisão da literatura sobre as fontes do livro, averiguamos que, dos nove poemas em prosa presentes na seção que nos propomos a estudar, apenas três são inspirados ou recriações de poemas chineses pré-existent. O primeiro deles, *L'escalier de jade* é uma tentativa de tradução do poema “Lamento da escadaria de Jade” (PORTUGAL & XIAO, 2019, p.) de Li Po. Tentativa, pois, quando cotejados, percebemos que Judith Gautier não mantém o seu sentido original, vide a exclusão da palavra-chave “lamento” do título. Outro que podemos cotejar com traduções autênticas para o português é *Promenade le soir dans la prairie*, inspirado de “Desde um alto terraço” (PORTUGAL & XIAO, 2019, p. 116) de Du Fu. A respeito da discrepância entre os textos, Ferdinand Stocès esclarece que “dos quarenta caracteres do original, onze foram traduzidos, mas o sentido do poema produzido é diferente daquele de Du Fu” (STOCÈS, 2006, p. 342). O terceiro e último é um poema originalmente publicado na revista literária *Revue du XIX siècle* em 1866 de título *Près de la rivière bordée de fleurs* e posteriormente fragmentado em 5 poemas em prosa

distintos na publicação do *Livre de Jade*. Esses poemas fragmentados foram inspirados no único poema que nos resta de Zhang Ruoxu: 春江花月夜 (*chūn jiāng huā yuè yè*). O título escolhido por Gautier não se distancia muito do original, no entanto, ao confirmar o parentesco, Annie Ren afirma que se os poemas de Judith Gautier são chamados de “traduções” daquele de Zhang Ruoxu, “a palavra 'tradução' aqui é usada em seu sentido mais distendido possível” (REN, 2021, p. 114). Visto a predominância de criações originais da autora entre suas tentativas de traduzir poemas chineses, nos deparamos com a necessidade de buscar outros meios de discutir e analisar os poemas em prosa de Gautier que não dependessem majoritariamente da perspectiva comparatista com a poesia sínica. Esclarecemos que não descartamos o assunto do horizonte da pesquisa, uma vez que fazem parte da identidade do livro, no entanto, acreditamos existirem outras possibilidades de abordagem mais produtivas. Uma delas é explorar os pontos de contato da autora com outros cultores do poema em prosa contemporâneos a ela. Tendo em vista a tradição pictórica desse gênero, encontramos na afinidade de Judith Gautier com a “injunção simbolista da fusão das artes e a utopia wagneriana da Gesamtkunstwerk” (PEREIRA, 2009 p. 30) uma via para analisar seus poemas a partir de uma questão que motiva experimentos formais relevantes à sua época. Para isso, julgamos necessário examinar os artigos de crítica de arte de Judith Gautier, publicados em periódicos durante o período de composição do *Livre de Jade*. Desse modo, podemos conhecer o quanto os ideais estéticos da autora influenciam seus métodos de recriação poética. Reproduzimos as referências a esses artigos, presentes também em Richardson (1987) e Lacoste (1992), a seguir:

Tabela 1: Crítica de arte de Judith Gautier no período de 1864-1867

<i>Exposition de la Société nationale des beaux-arts (l'artiste, 15 de março 1864, p. 129-30)</i>
<i>Collection chinoise de M. Negroni, (l'artiste, 15 de abril 1864, p. 188-9)</i>
<i>Salon de 1864. Sculpture (l'artiste, 15 de junho 1864, p. 265-7)</i>
<i>Salon de 1865 (Vert-vert, 15 de maio até 28 de julho)</i>
<i>Salon de 1866 (gazette des étrangers, 7 de maio até 7 de julho 1866)</i>
<i>Comptes rendus de L'Exposition Universelle: Chine-Japon-Siam (le moniteur universel, 12 de novembro até 25 de dezembro 1867)</i>

É importante destacarmos que, com exceção da *gazette des étrangers* e *le moniteur universel*, todos os outros jornais citados compartilham a característica de serem periódicos especializados na divulgação de crítica de arte e literatura. Essa informação nos diz que Judith Gautier publicava literatura no mesmo ambiente em que ela mesma e outros literatos da época contribuíam com textos de teor crítico sobre as artes. Logo, podemos afirmar que ambientes como esse impulsionaram significativamente a troca de ideias entre artistas e imprimiu influências na natureza mutável do poema em prosa. Ou seja, encontra-se ali uma possibilidade de fazer poesia fora do verso através do empréstimo de métodos provenientes de outras artes: ao aprimorar a precisão das imagens descritas e na criação de um ritmo próprio independente do metro regular.

4 CONCLUSÃO

A partir das reflexões realizadas, percebemos que nos debruçarmos sobre os escritos de arte de Judith Gautier é um trabalho fundamental. Ali podemos explorar a noção de

“natureza” da autora por meio das suas análises de paisagens, por exemplo, e como ela deve ser idealmente representada, tema relevante para o livro, sobretudo para a seção que nos propomos a estudar: *La lune* (a lua). Esperamos, a partir daqui esclarecer a singularidade das suas criações, recorrendo aos ideais estéticos da autora e suas fontes imagéticas de forma menos dependente das análises comparatistas com a poesia chinesa e mais atrelada aos seus próprios atributos de poeta.

REFERÊNCIAS

BERNARD, Suzanne. **Le Poème en prose de Baudelaire jusqu'à nos jours**. Paris: Nizet, 1959.

GAUTIER, Judith. **Le Livre de Jade**. Paris: A. Lemerre, 1867

LACOSTE, Claudine. **Judith Gautier Critique d'art**. Bulletin de la société Théophile Gautier. nº14. 1992. p. 181-185.

PEREIRA, Paulo Alexandre. **Gouaches**: picturalismo e poema em prosa. Forma Breve, 2009, no 2, p. 27-44.

PINTO, Marta Pacheco. **Cancioneiro Chinez (1890)**: tradução e exotismo. Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!, 2018, vol. 4. p. 07-29.

PORTUGAL, Ricardo Primo & TAN, Xiao. **Antologia da poesia clássica chinesa—dinastia Tang**. 2ª edição revista. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

REN, Annie. **A Thousand Bits of Jade: Judith Gautier and Chinese Poetry**. In: Antipodean China: Reflections on Literary Exchange. Sydney: Giramondo Publishing, 2021. p. 112-129.

RICHARDSON, Joana. **Judith Gautier: A Biography**. New York: Franklin Watts, 1987.

STOCÈS, Ferdinand. **O Livro de Jade de Judith Gautier**: características gerais das edições de 1867 e de 1902. Revista Oriente, 2003, no 7, p. 03-20.

Sur les sources du Livre de Jade de Judith Gautier (1845-1917). Revue de littérature comparée, 2006, no 3, p. 335-350.

YU, Pauline. **“Your Alabaster in This Porcelain”**: Judith Gautier's *Le livre de jade*. pmla, 2007, vol. 122, no 2, p. 464-482.